

STANLEY G. WEINBAUM

# ADAPTAÇÃO FINAL



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## **SOBRE A EQUIPE X LIVROS:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

---

**"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento,  
e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa  
sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."**

---

# ADAPTAÇÃO

## FINAL



**STANLEY WEINBAUM, 1935**

O DR. DANIEL SCOTT, com seus olhos escuros e brilhantes acesos com o fogo do entusiasmo, finalmente parou e olhou para a cidade, ou para a parte dela visível pelas janelas do escritório de Herman Bach — o dr. Herman Bach do hospital Grand Mercy. Houve um momento de silêncio; o velho sorriu, um pouco indulgente e um tanto melancólico, para o rosto do jovem bioquímico.

— Vá em frente, Dan — disse ele. — Você estava me dizendo que lhe ocorreu que melhorar de uma doença, ou lesão, é meramente uma forma de adaptação e...?

— E comecei a procurar os organismos vivos mais adaptáveis — replicou o outro. — O que são? Insetos! Insetos, é claro. Corte uma asa, e ela crescerá novamente. Corte uma cabeça e a enfie no

corpo sem cabeça de outro da mesma espécie, e ela voltará à vida! E qual é o segredo de sua grande adaptabilidade?

Dr. Bach encolheu os ombros. — Qual?

Scott de repente se calou, porém voltou a falar: — Não tenho certeza — murmurou. — É glandular, é claro... uma questão de hormônios. — Ele voltou a se animar. — Mas este é outro assunto. No fim, eu procurei pelo inseto mais adaptável. Sabe qual é?

— Formigas? — palpitou o dr. Bach. — Abelhas? Cupins?

— Bah! Eles são os mais evoluídos, não os mais adaptáveis. Há um inseto que é conhecido por produzir uma porcentagem maior de mutantes do que qualquer outro; mais aberrações, mais atividades biológicas. Aquele que Morgan usou em seus experimentos acerca dos efeitos de raios X fortes sobre a hereditariedade; as moscas-da-fruta, as comuns moscas-da-fruta. Lembra? Elas têm olhos avermelhados, mas sob os raios X produziram filhotes de olhos brancos, e esta foi uma verdadeira mutação, porque os olhos brancos poderiam ser herdados. As características adquiridas não poderiam ser herdadas, mas foram. Portanto...

— Eu sei — interrompeu o dr. Bach.

Scott inspirou e retomou: — Portanto, usei moscas-da-fruta. Decompus os corpos delas e injetei seus líquidos em uma vaca, e finalmente consegui um soro, depois de semanas de purificação com albumina, evaporação a vácuo, retificando com... Mas você não está interessado na técnica. Eu tenho um soro. Eu o experimentei em porquinhos-da-índia tuberculosos e... — ele fez uma pausa dramática — funcionou! Eles se adaptaram ao bacilo da tuberculose. Testei em um cachorro com raiva; ele se adaptou. Testei em um gato com a coluna quebrada, e ela se uniu. E agora, estou lhe pedindo uma chance de experimentar o soro em um ser humano!

Dr. Bach franziu a testa. — Você não está pronto — grunhiu ele. — Só se passaram dois anos. Experimente em um antropeide. Depois em si mesmo. Não posso arriscar uma vida humana em um experimento tão recente quanto esse.

— Eu não tenho nada que precise de cura. Sobre o antropeide, você pode pedir ao conselho para permitir fundos para comprar um macaco, se conseguir. Eu tentei.

— Fale com a Fundação Stoneman, então.

— E fazer o Grand Mercy perder o crédito? Ouça, dr. Bach, estou pedindo apenas uma chance, um indigente, qualquer coisa.

— Indigentes são seres humanos. — O velho olhou carrancudo para suas mãos. — Veja bem, Dan. Eu não deveria nem oferecer isso, porque é contra toda a ética médica, mas se eu encontrar um caso sem esperanças, totalmente sem esperança, em que o próprio paciente consinta, te darei uma chance. Apenas nesse caso.

— E como irá encontrar um caso como esse? — Scott suspirou. — Se o paciente estiver consciente, você achará que há esperança, e se ele não estiver, como poderá consentir? Será o fim do experimento!

Mas não foi. Menos de uma semana depois, Scott de repente fitou o anunciador no canto de seu minúsculo laboratório. — Dr. Scott — murmurou. — Dr. Scott. Dr. Scott. Para o consultório do dr. Bach.

Ele terminou sua titulação, anotou os valores e saiu, apressado. O velho andava nervosamente, de um lado do consultório para o outro, quando Scott chegou.

— Estou com o seu caso, Dan — murmurou. — É contra toda a ética... porém não sei como você pode fazer mal a este paciente. Mas é melhor que se apresse. Vamos... ala de isolamento.

Eles se apressaram. Na minúscula sala cúbica, Scott ficou pasmo: — Uma mulher! — murmurou.

Ela tinha uma aparência monótona e sem graça, mas deitada ali, com a placidez da morte já em suas bochechas, tinha uma aparência de doçura sombria. No entanto, esse era todo o encanto que ela poderia possuir; seu cabelo escuro, curto e oleoso estava despenteado e pegajoso, suas feições achatadas e pouco atraentes. Ela respirou com um som rouco, quase inaudível, e seus olhos estavam fechados.

— Você considera isso um teste? — perguntou Scott. — Ela está quase morta.

Dr. Bach assentiu com a cabeça. — Tuberculose — disse —, estágio final. Os pulmões dela estão com hemorragia... É uma questão de horas.

A mulher tossiu; manchas de sangue apareceram em seus lábios pálidos. Ela abriu os olhos azuis opacos e lacrimejantes.

— Viu?! — disse Bach. — Está consciente. Este é o dr. Scott. Dan, esta é... Ahn... — Ele olhou para a ficha ao pé da cama. — Srta.... Kyra Zelas. O dr. Scott tem uma injeção, srta. Zelas. Como eu avisei, provavelmente não vai ajudar, mas não vejo como poderá lhe fazer mal. Você está disposta?

Ela falou em tons fracos e gorgolejantes: — Claro, já estou com um pé na cova, de qualquer maneira. Que diferença faz?

— Tudo bem. Pegou a seringa, Dan? — Bach pegou o tubo de soro transparente. — Algum ponto específico de injeção? Não? Estenda o braço, então.

Ele enfiou a agulha no antebraço da mulher. Dan notou que ela nem mesmo estremeceu com a picada da ponta de aço, apenas permaneceu estoica e passiva enquanto trinta mililitros fluíam em

suas veias. Ela tossiu novamente e fechou os olhos.

— Saia daqui — ordenou Bach rispidamente a Dan, enquanto eles se moviam para o corredor. — Eu odeio isso. Me sinto como um cão sujo.

No entanto, ele parecia se sentir menos canino no dia seguinte. — Essa Zelas ainda está viva — relatou a Dan Scott. — Se eu ousasse confiar em meus olhos, diria que ela melhorou um pouco. Um pouco. Mas ainda não há esperanças.

Contudo, no dia seguinte Scott o encontrou sentado em seu escritório com uma expressão perplexa em seus velhos olhos cinzentos. — Zelas está melhor — murmurou Bach. — Não há dúvida. Mas não comemore ainda, Dan. Esses milagres já aconteceram antes, e sem soro. Espere até que a tenhamos sob longa observação.

No fim da semana, ficou evidente que a observação não seria longa. Kyra Zelas floresceu sob seu olhar como uma erva daninha. Estranhamente, ela não perdeu nada de sua palidez, mas a carne suavizou a feição angular e um traço de luz surgiu em seus olhos.

— As manchas nos pulmões estão sumindo — murmurou Bach. — Ela parou de tossir e não há sinais de defeito em sua cultura. Mas a coisa mais estranha, Dan, e eu também não consigo entender, é a maneira como ela reage a ferimentos e perfurações na pele. Ontem tirei uma amostra de sangue, para testar a reação de Wassermann, e o furo fechou quase antes de eu ter um mililitro! Fechado e curado! Sei que isso soa como uma completa loucura!

E em outra semana, Bach disse: — Dan, não vejo motivos para manter Kyra aqui. Ela está bem. No entanto, a quero onde possamos mantê-la sob observação. Há um estranho mistério sobre seu soro. Além disso, eu odiaria mandá-la de volta ao tipo de vida que a

trouxe a este lugar.

— O que ela fazia?

— Costurava. Ganhava por peça em alguma fábrica, quando podia trabalhar. Mulher monótona, feia e ignorante, mas há algo atraente nela. Ela se adapta rapidamente.

Scott deu a ele um olhar estranho. — Sim — disse —, ela se adapta rapidamente.

— Então — prosseguiu Bach — me ocorreu que ela poderia ficar na minha casa. Poderíamos mantê-la sob observação, entende, e ela poderia ajudar a governanta. Estou curioso... muito curioso. Acho que vou oferecer a oportunidade a ela.

Scott estava presente quando o dr. Bach fez sua sugestão. Kyra sorriu. — Claro — disse ela. Seu rosto pálido e simples se iluminou. — Obrigada.

Bach deu a ela o endereço. — A sra. Getz vai deixar você entrar. Não faça nada esta tarde. Na verdade, não lhe fará mal caminhar no parque por algumas horas.

Scott observou a mulher enquanto ela caminhava pela passagem em direção ao elevador. Ela havia ganhado peso, mas ainda era magra a ponto da emaciação, e sua roupa preta surrada ficava pendente nela como se fosse um cabide. Quando ela se foi, Dan se moveu pensando sobre seus deveres e, um quarto de hora depois, desceu ao laboratório.

No primeiro andar, a turbulência o encontrou. Dois oficiais carregavam o corpo de um velho desconhecido, cuja cabeça estava uma ruína ensanguentada. Ouviu-se um murmúrio de vozes agitadas, e Dan viu uma multidão nas escadas do lado de fora.

— O que aconteceu? — perguntou. — Acidente?

— Acidente?! — retrucou um oficial. — Assassinato, isso sim.



Uma mulher se aproximou deste velho, pegou uma pedra pesada perto do parque e a usou para bater nele, e ainda pegou sua carteira. Sem mais nem menos!

Scott olhou pela janela. A viatura estava recuando em direção à multidão ao lado do parque.

Dois policiais corpulentos flanqueavam uma figura magra vestida de preto, empurrando-a em direção às portas do veículo. Scott engasgou. Era Kyra Zelas!

Uma semana depois, o dr. Bach olhou para a lareira escura de sua sala de estar. — Não é da nossa conta — disse.

— Meu Deus! — esbravejou Scott. — Não é da nossa conta?! Como sabemos que não somos responsáveis? Como sabemos que nossa injeção não perturbou a mente dela? Glândulas podem fazer isso; veja os deficientes mentais. Nosso soro era glandular. Talvez a tenhamos levado à loucura!

— Tudo bem — disse Bach. — Escute. Vamos ao julgamento amanhã, e se parecer ruim para Kyra, vamos entrar em contato com o advogado dela e deixá-lo nos colocar para depor. Vamos testemunhar que ela acaba de ser liberada após uma longa e perigosa doença, e pode não ser totalmente responsável por suas ações. Isto é verdade.

No meio da manhã do dia seguinte, eles estavam tensos, acotovelando-se sobre o banco do tribunal lotado. A acusação estava começando; três pessoas testemunharam o evento.

— Este senhor comprava amendoim para os pombos. Vendo para ele todos os dias... ou vendia. Bem, desta vez, ele não tinha troco; puxou a carteira e eu vi que estava recheada de notas. Um minuto depois, vejo a dama pegar a pedra e acertá-lo. Em seguida, ela pegou o dinheiro...

— Descreva-a, por favor.

— Ela era magra e estava vestida de preto. Não era nada bonita. Cabelo castanho, olhos escuros, não sei se azuis-escuros ou castanhos.

— Sua testemunha! — retrucou o promotor.

Um indivíduo jovem e nervoso, nomeado pelo tribunal, segundo o jornal, levantou-se. — Você diz — guinchou — que o agressor tinha cabelos castanhos e olhos escuros?

— Sim.

— O réu pode se levantar, por favor?

Ela estava com as costas voltadas para Scott e Bach quando se levantou, mas Scott enrijeceu. Havia algo estranhamente diferente em sua aparência; decerto sua roupa preta surrada não estava mais pendurada sobre ela. O que ele podia ver da figura dela parecia... bem, magnífica.

— Tire o chapéu, srta. Zelas — guinchou o advogado.

Scott engasgou. A massa de cabelo que ela revelou radiou como alumínio!

— Como pode ver, Meritíssimo, este réu não possui cabelos escuros nem, se você observar, olhos escuros. É, suponho, concebível que ela pudesse de alguma forma ter descolorido o cabelo enquanto estava sob custódia, e eu, portanto — ele brandiu uma tesoura — submeto um cacho para ser testado por qualquer químico indicado pelo tribunal. A pigmentação é totalmente natural. Quanto aos olhos dela, meu estimado oponente sugere que eles também foram descoloridos?

O advogado se voltou para a testemunha boquiaberta e prosseguiu: — É esta senhora que você afirma ter visto cometendo o crime?

O homem arregalou os olhos. — Eu... Eu... não tenho certeza.

— É ela?

— N-não!

O orador sorriu. — Isso é tudo. Você pode subir à tribuna, srta. Zelas?

A mulher moveu-se ágil como uma pantera. Lentamente ela se virou, de frente para o tribunal. O cérebro de Scott girou e seus dedos cravaram-se no braço de Bach. Com olhos prateados e cabelo cor de alumínio — pálido alabastro —, a mulher no banco era, sem dúvida, a mais linda que ele já viu!

O advogado estava falando novamente: — Conte ao tribunal, com suas próprias palavras, o ocorrido, srta. Zelas.

De maneira bastante casual, a mulher cruzou os tornozelos esguios e começou a falar. Sua voz era baixa, ressonante e comovedora; Scott teve de lutar para manter sua atenção no sentido das palavras dela, em vez de no som.

— Eu tinha acabado de sair do hospital Grand Mercy — disse ela —, onde estive doente por alguns meses. Havia cruzado o parque quando, de repente, uma mulher vestida de preto correu em minha direção, pôs uma carteira vazia em minhas mãos e desapareceu. Um instante depois, eu estava cercada por uma multidão aos gritos... Bem, isso é tudo.

— Uma carteira vazia, você disse? — perguntou o advogado de defesa. — E quanto ao dinheiro encontrado em sua própria bolsa que meu eminente colega acredita ter sido roubado?

— Era meu — disse a mulher —, cerca de 700 dólares.

Bach sibilou: — Isso é mentira! Ela tinha dois dólares e trinta e três centavos quando foi internada.

— Você quer dizer que acha que ela é a mesma Kyra Zelas do

hospital? — engasgou Scott.

— Não sei. Não sei de nada, mas se algum dia eu tocar de novo naquele seu maldito soro... Veja! Veja, Dan! — as últimas palavras saíram em um sussurro tenso.

— O quê?

— O cabelo dela! Quando o sol bate nele!

Scott olhou mais de perto. Um raio errante de sol do meio-dia filtrava-se por uma janela alta e, de vez em quando, o balanço de uma cortina permitia que tocasse o brilho metálico dos cabelos da mulher. E Scott viu: sutil mas inconfundível, sempre que a luz tocava aquela auréola brilhante, o cabelo escurecia de alumínio brilhante para loiro dourado!

— Eu tenho que vê-la — sussurrou Dan. — Há algo que preciso descobrir... ouça!

O orador estava falando: — E pedimos a rejeição de todo o caso, Meritíssimo, com o fundamento de que a acusação falhou completamente, até mesmo em identificar o réu.

O juiz bateu o martelo. Por um momento seus olhos envelhecidos pousaram na mulher de olhos prateados e cabelo incrível, e então bradou: — Caso encerrado! Júri dispensado!

Houve um tumulto de vozes e flashes. A mulher no banco das testemunhas levantou-se com uma postura perfeita, sorriu com lábios adoráveis e inocentes e se afastou. Scott esperou até que ela passasse perto dele, e então chamou:

— Srta. Zelas!

Ela fez uma pausa. Seus estranhos olhos prateados brilharam com um sinal de reconhecimento inconfundível. — Dr. Scott! — disse a voz de metal tilintante. — E Dr. Bach!

Era ela, então. A mesma mulher. A pessoa sem graça da ala de

isolamento, esta criatura estranhamente bela e de cores exóticas. Olhando fixamente, Scott podia distinguir a identidade através das feições dela, mas a mudança era milagrosa.

Ele passou pela multidão de fotógrafos, jornalistas e curiosos. — Você tem um lugar para ficar? — perguntou. — A oferta do dr. Bach ainda está de pé.

Ela sorriu. — Fico muito grata — murmurou. Em seguida, disse para a multidão de repórteres: — O doutor é um velho amigo meu. — Ela estava completamente à vontade, serena, equilibrada.



Algo chamou a atenção do Scott; ele comprou um jornal, olhando rapidamente para a fotografia, aquela tirada no momento em que a mulher tirou o chapéu. Ele se assustou; o cabelo estava preto como piche! Havia, também, um comentário abaixo da foto, escrito que “o cabelo impressionantemente dela sai muito mais escuro na foto do que como é à vista”.

Dan Scott franziu a testa. — Por aqui — disse à mulher, e então mais uma vez arregalou os olhos de surpresa. Sob a ampla luz do meio-dia, a tez de Kyra não era mais branca como giz, e sim bronzeada, a pele de quem fica exposta a longas horas de sol; seus olhos eram de um violeta profundo e seu cabelo, aquela mecha minúscula não escondida por seu chapéu, era tão preto quanto as colunas de basalto do inferno!

Kyra insistiu em parar para comprar uma substituta para a roupa preta surrada e acabou adquirindo o traje completo. Mais tarde ela se sentou no profundo sofá diante da lareira na biblioteca do dr. Bach, envolta em seda preta do pescoço branco até os pequenos sapatos pretos em seus pés. Ela era quase sobrenatural em sua beleza estranha, com seu cabelo de alumínio, olhos

prateados e pele pálida como mármore contra a cobertura de seda azeviche.

Ela olhou inocentemente para Scott. — Mas por que eu não deveria? — perguntou. — O tribunal devolveu meu dinheiro; posso comprar o que quiser com ele.

— O seu dinheiro? — murmurou ele. — Você tinha menos de três dólares quando saiu do hospital.

— Mas agora ele é meu.

— Kyra — disse ele abruptamente —, onde você conseguiu esse dinheiro?

O rosto dela estava inocente como o de um santo. — Do velho.

— Você... o matou!

— Ora, claro que sim.

Ele engasgou. — Meu Deus! — arfou. — Não percebe que vamos ter de contar?

Ela balançou a cabeça, sorrindo gentilmente de um para o outro. — Não, Dan. Você não vai contar, pois não adiantaria. Não posso ser julgada duas vezes pelo o mesmo crime. Não nos Estados Unidos.

— Mas por que, Kyra? Por que você...

— Quer que eu volte à vida que me colocou em suas mãos? Eu precisava de dinheiro; o dinheiro estava lá e eu o peguei.

— Mas assassinato?!

— Foi a maneira mais direta.

— Não se acontecer de você ser punida por isso — respondeu ele, sério.

— Mas não fui — lembrou-o gentilmente.

Ele suspirou. — Kyra — disse, mudando de assunto de repente —, por que seus olhos, pele e cabelo escurecem com a luz do sol ou

quando expostos à luz de uma lanterna?

Ela sorriu. — Escurecem? Não tinha notado. — Ela bocejou e esticou os braços acima da cabeça e as pernas finas diante dela. — Acho que vou dormir agora — anunciou. Passou seus olhos magníficos sobre eles, levantou-se e desapareceu no quarto que o dr. Bach lhe dera, o dele próprio.

Scott encarou o homem mais velho, suas feições alterando-se com as emoções. — Você entendeu? — sibilou. — Bom Deus, você entendeu?

— E você entendeu, Dan?

— Um pouco, um pouco.

— Eu entendi parcialmente, também.

— Bem — disse Scott —, eu vejo da seguinte maneira. Aquele soro, o meu soro amaldiçoado, de alguma forma acentuou a adaptabilidade dessa mulher a um grau impossível. O que é que diferencia a vida da matéria não-viva? Duas coisas: estímulo e adaptação. A vida adapta-se ao seu ambiente, e quanto maior a adaptabilidade, mais bem-sucedido é o organismo.

“Agora, todos os seres humanos demonstram uma adaptabilidade muito considerável. Quando nos expomos à luz do sol, nossa pele exhibe pigmentação, nos bronzeamos. Isso é adaptação a um ambiente que contém luz solar. Quando um homem perde a mão direita, ele aprende a usar a esquerda. Essa é outra adaptação. Quando a pele de uma pessoa é perfurada, ela cura e se reconstrói, e este é outro ângulo da mesma coisa. Regiões ensolaradas produzem pessoas de pele escura e cabelos escuros; as terras do norte produzem loiros, e esse é mais um exemplo de adaptação.

“Então, o que aconteceu com Kyra Zelas, por algum motivo que

não entendo, é que suas capacidades adaptativas foram aumentadas ao extremo. Ela se adapta de imediato ao ambiente; quando o sol a atinge, ela fica bronzeada de uma só vez, e na sombra ela desaparece imediatamente. À luz do sol, seus cabelos e olhos são os de uma etnia tropical; nas sombras, a de pessoas do norte. E... Meu Deus, agora percebi! Quando ela se deparou com o perigo ali no tribunal, diante de um júri e juiz homens, ela se adaptou a isso! Ela enfrentou aquele perigo, não apenas com a mudança de aparência, como também com uma beleza tão notável que ela não poderia ter sido condenada! Mas como? Como?”

— Talvez a medicina possa dizer como — disse Bach. — Sem dúvida, o homem é o fruto de suas glândulas. A diferença entre as raças branca, vermelha, preta e amarela, são sem dúvida glandulares. E talvez o agente de adaptação mais eficaz seja o cérebro humano e o sistema neural; este último é parcialmente controlado por uma pequena massa gordurosa no assoalho do terceiro ventrículo do cérebro, antes do cerebelo, que os antigos supunham ser a sede da alma.

“Eu me refiro, é claro, à glândula pineal. Suspeito que o seu soro contém o hormônio pinealina há muito procurado, e que ele hipertrofiou a glândula pineal de Kyra. E Dan, você percebe que se a adaptabilidade dela for perfeita, ela não é apenas invencível, mas também invulnerável?”

— Isso é verdade! — Scott engoliu em seco. — Ela não poderia ser eletrocutada, porque se adaptaria de imediato a um ambiente contendo uma corrente elétrica, e não poderia ser morta por um tiro, porque se adaptaria a isso tão rapidamente quanto às suas picadas de seringa. E veneno... Mas deve haver um limite em algum ponto.



— Sem dúvida há — observou Bach. — Duvido que ela poderia se adaptar a um ambiente contendo uma locomotiva de cinquenta toneladas passando sobre seu corpo. E ainda há um ponto importante que não consideramos. A adaptação em si é de dois tipos.

— Dois tipos?

— Sim. Um tipo é biológico; o outro, humano. Naturalmente, um bioquímico como você lidaria apenas com o primeiro e, da mesma forma, um neurocirurgião como eu deve considerar o segundo. Adaptação biológica é o que toda vida, de planta, animal e humana, possui, e está meramente se acomodando ao meio ambiente. Um camaleão, por exemplo, mostra quase a mesma habilidade que a própria Kyra, assim como, em menor grau, a raposa-do-ártico, branca no inverno e marrom no verão; ou a lebre-americana, por falar nisso, ou a doninha. Toda vida se conforma com seu ambiente em grande medida, porque se não o fizer, ela morre. Mas a vida humana faz mais.

— Mais?

— Muito mais. A adaptação humana não é apenas conformidade com o ambiente, mas também a mudança real do ambiente para atender às necessidades humanas! O primeiro homem das cavernas, que deixou sua caverna para construir uma oca, mudou seu ambiente; do mesmo modo fizeram Steinmetz, Edison, e até Júlio César e Napoleão. Na verdade, Dan, toda invenção humana, talento e liderança militar resumem-se a esse único fato: mudar o ambiente em vez de se conformar a ele.

Ele parou um instante e depois continuou: — Nós sabemos que Kyra possui a adaptabilidade biológica. Seu cabelo e olhos provam isso. Mas e se ela possuir o outro tipo no mesmo grau? Se ela

possuir, só Deus sabe qual será o resultado. Nós podemos apenas observar qual direção ela segue. Observe e espere.

— Mas não vejo como isso poderia ser glandular — murmurou Scott.

— Qualquer coisa pode ser glandular. Em um mutante, e Kyra é tão mutante quanto suas moscas-da-fruta de olhos brancos, tudo é possível. — Ele franziu a testa pensativamente. — Se eu ousasse formular uma interpretação filosófica, diria que Kyra, talvez, represente um estágio na evolução humana. Uma mutação. Se alguém se aventurar a acreditar nisso então, de Vries e Weissman estão justificados.

— Você se refere à teoria da mutação da evolução?

— Exatamente. Veja, Dan, embora seja muito óbvio, a partir de vestígios de fósseis, que a evolução ocorreu, é muito fácil provar que ela não poderia ter ocorrido!

— Como?

— Bem, não poderia ter ocorrido lentamente como Darwin acreditava, por muitos motivos. Veja o olho, por exemplo. Ele pensou que gradualmente, ao longo de milhares de gerações, alguma criatura marinha desenvolveu um ponto em sua pele que era sensível à luz, e isso lhe deu vantagem sobre seus companheiros cegos. Portanto, sua espécie sobreviveu e as outras pereceram. Mas veja bem. Se este olho se desenvolveu aos poucos, por que os primeiros, os que ainda não podiam ver, tiveram uma taxa de sobrevivência maior do que os outros? Pegue uma asa como exemplo. De que serve uma asa até que você possa voar com ela? Só porque um lagarto saltador tinha uma minúscula prega de pele entre a perna dianteira e o peito, não significava que ele poderia sobreviver onde outros morreram. O que manteve a asa se

desenvolvendo a um ponto em que ela poderia realmente ter valor?

— O quê?

— De Vires e Weissman dizem que nada manteve. Eles argumentam que a evolução deve ter progredido em saltos, de modo que quando o olho apareceu já era eficiente o bastante para ter valor de sobrevivência; da mesma forma, a asa. A esses saltos eles chamaram de mutações. E nessa lógica, Dan, Kyra é uma mutação, um salto do humano para... alguma outra coisa. Talvez o super-humano.

Scott balançou a cabeça, perplexo. Ele estava completamente confuso, perplexo e mais do que um pouco nervoso. Depois de mais alguns instantes, ele deu boa-noite a Bach, voltou para casa e ficou horas pensando, sem conseguir dormir.

No dia seguinte, Bach conseguiu uma licença do Grand Mercy para os dois, e Dan se mudou para a casa dele. Isso foi, em parte, devido ao seu fascínio pelo caso de Kyra Zelas, mas era também altruísmo. Ela havia confessado ter assassinado um homem; ocorreu a Scott que ela poderia, inescrupulosamente, assassinar o dr. Bach, e ele pretendia estar por perto para evitar que isso acontecesse.

Ele estivera na companhia da mulher não mais do que algumas horas antes que as palavras de Bach sobre evolução e mutações adquirissem um novo significado. Não era apenas a coloração camaleônica de Kyra nem seus traços estranhamente puros e celestiais, nem mesmo sua incrível beleza. Havia algo mais; ele não conseguiu identificar logo o que era, mas decididamente a mulher Kyra não era humana.

O evento que o fez pensar nisso ocorreu no final da tarde. Bach tinha viajado em algum lugar a negócios pessoais, e Scott estava questionando a mulher sobre suas próprias impressões do que

vivenciou.

— Mas você não sabe que mudou? — perguntou ele. — Não consegue notar a diferença?

— Eu não mudei, foi o mundo que mudou.

— Mas seu cabelo era preto. Agora está claro como cinzas.

— Era? — perguntou. — Está?

Ele gemeu de exasperação. — Kyra — disse —, você deve saber algo sobre você mesma.

Kyra voltou seus olhos prateados, primorosos, para ele. — Eu sei — disse. — Sei que o que eu quero é meu, e — seus lábios puros sorriram —, acho que eu quero você, Dan.

Pareceu-lhe que ela mudou naquele momento. Sua beleza não era exatamente como antes, mas de alguma forma mais tóxica. Ele percebeu o que significava; seu ambiente agora continha um homem que ela amava, ou pensava que amava, e ela estava se adaptando a isso também. Ela estava se tornando — Dan estremeceu ligeiramente — irresistível!

Bach deve ter percebido a situação, mas não disse nada. Quanto a Scott, era uma tortura absoluta, pois ele percebeu com clareza que a mulher que ele amava era uma aberração, uma zombaria biológica e, pior do que isso, uma assassina fria e uma criatura não exatamente humana. No entanto, nos dias seguintes, tudo voltou ao normal. Kyra se aderiu facilmente à rotina; ela sempre foi uma pessoa aberta às investigações e perguntas de Dan.

Então Scott teve uma ideia. Pegou um dos porquinhos-da-índia nos quais havia injetado seu soro; junto a Bach, descobrira que a criatura evidenciava a mesma reação de Kyra a cortes. Eles mataram a coisa literalmente cortando-a ao meio com um machado, e Bach examinou o cérebro dela.

— Certo! — disse Bach no fim. — É hipertrofia da pineal. — Ele olhou fixamente para Scott. — Suponha que pudéssemos alcançar a pineal de Kyra e corrigir a hipertrofia. Você acha que isso pode fazer com que ela volte ao normal?

Scott suprimiu uma pontada de medo. — Mas por quê? Ela não pode causar nenhum mal, desde que a vigiemos aqui. Por que temos que apostar com a vida dela desse jeito?

Bach riu e disse: — Pela primeira vez na vida, estou feliz em ser um homem velho. Você não vê que temos de fazer algo? Ela é uma ameaça. É perigosa. Só Deus sabe o quanto. Temos que tentar.

Scott gemeu e concordou. Uma hora depois, sob o pretexto de um experimento, ele observou o velho injetar cinco grãos de morfina no braço da mulher, observou-a franzir a testa e piscar — e ajustar-se. A droga não funcionou.

Foi à noite que Bach teve sua próxima ideia. — Cloreto de etila! — sussurrou. — O anestésico instantâneo. Talvez ela não consiga se ajustar à falta de oxigênio. Vamos tentar.

Kyra estava dormindo. Silenciosamente, com cuidado, os dois homens entraram no quarto dela; Scott olhou para baixo com fascínio absoluto pela beleza estranha das feições da mulher, mais pálidas do que nunca sob a luz fraca da meia-noite. Com extrema cautela, Bach segurou o cone acima do rosto adormecido dela e, gota a gota, derramou o líquido volátil e de cheiro doce nele. Minutos se passaram.

— Isso deve anestesiar um elefante — sussurrou Bach no final e pôs o cone no rosto de Kyra.

Ela acordou. Dedos como barras de aço estreitas fecharam-se ao redor do pulso de Bach, forçando sua mão a afastar-se. Scott agarrou o cone e também teve seu pulso agarrado; ele sentiu a

força do aperto.

— Estúpido — disse ela calmamente, sentando-se ereta. — Isso é totalmente inútil. Veja!

Ela pegou um abridor de envelopes ao lado da cama. Expôs sua garganta pálida ao luar e então, de repente, enfiou o objeto até o cabo no peito!

Scott engoliu em seco, aterrorizado, quando ela o retirou. Uma única mancha de sangue apareceu em sua carne; ela a enxugou e exibiu sua pele, pálida, sem cicatrizes e bela.

— Saiam daqui — disse ela suavemente, e eles partiram.

No dia seguinte, ela não fez referência ao incidente. Scott e Bach passaram uma manhã preocupados no laboratório, sem trabalhar, apenas conversando. Foi um erro, pois quando eles retornaram à biblioteca, ela havia sumido, tendo, de acordo com a sra. Getz, simplesmente saído pela porta e partido. Uma busca inquieta e apressada nos quartos adjacentes não trouxe nenhum sinal dela.

Ao anoitecer ela estava de volta à casa, sem chapéu, à frente da porta para permitir que Scott — que estava lá sozinho — assistisse à mudança milagrosa da passagem dela do pôr do sol ao aposento; e a seu cabelo desbotar do mogno para o alumínio.

— Olá — disse ela sorrindo. — Eu matei uma criança.

— O quê? Meu Deus, Kyra!

— Foi um acidente. Certamente não acha que eu deveria ser punida por um acidente, não é, Dan?

Ele a encarava com um olhar de horror absoluto. — Como...

— Ah, decidi caminhar um pouco. Depois de um ou dois quartos, me ocorreu que gostaria de dirigir. Havia um carro estacionado com as chaves nele, e o motorista conversava na

calçada, então entrei, dei a partida e fui embora. Naturalmente dirigi bem rápido, porque ele estava gritando, e na segunda curva atropeliei um garotinho.

— E... você não parou?

— Claro que não. Eu continuei, dobrei a esquina, virei outra esquina ou duas, em seguida estacionei o carro e caminhei de volta. O menino tinha ido embora, mas a multidão ainda estava lá. Nenhum deles me notou. — Ela exibiu seu sorriso sagrado. — Não se preocupe. Eles não sabem de nada.

Scott baixou a cabeça sob as palmas das mãos e gemeu. — Não sei o que fazer! — murmurou. — Kyra, você vai ter de relatar isso à polícia.

— Mas foi um acidente — disse ela gentilmente, seus luminosos olhos prateados exibiram pena de Scott.

— Não importa. Você terá de fazer isso.

Ela colocou a mão branca sob a cabeça dele. — Talvez amanhã — disse ela. — Dan, aprendi algo. O que se precisa neste mundo é poder. Enquanto houver pessoas no mundo com mais poder do que eu, entrarei em conflito com elas. Eles continuam tentando me punir com suas leis, e por quê? Suas leis não são para mim. Eles não podem me punir.

Ele não respondeu.

— Portanto — disse ela suavemente —, amanhã sairei daqui em busca de poder. Serei mais poderosa do que qualquer lei.

— Kyra! — gritou chocado. — Você não deve tentar sair daqui de novo. — Ele agarrou os ombros dela. — Me prometa! Jure que não vai passar por aquela porta sem mim!

— Ora, se é o que você quer — disse calmamente.

— Mas jure! Jure por tudo que é mais sagrado!

Seus olhos prateados olhavam fixamente nos dele, de um rosto como o de um anjo de mármore. — Eu juro — murmurou ele. — Por qualquer nome que você nomeie, eu juro, Dan.

De manhã ela havia partido, pegando todo dinheiro que tinha na carteira de Scott, bem como na de Bach. E, como descobriram mais tarde, na da sra. Getz.

— Mas se você tivesse a visto! — murmurou Scott. — Ela olhou direto nos meus olhos e prometeu, e seu rosto era puro como o da Virgem Maria. Não posso acreditar que ela estava mentindo.

— A mentira como mecanismo adaptativo — disse Bach — merece mais atenção do que recebeu. Provavelmente os mentirosos originais são aquelas plantas e animais que usam o mimetismo protetor; cobras inofensivas imitando as venenosas, moscas sem ferrão e que parecem abelhas. Essas são mentiras vivas.

— Mas ela não pode...

— Ela mentiu. O que você me disse sobre seu desejo de poder é prova suficiente. Ela entrou na segunda fase adaptativa, a de adaptar seu ambiente a si mesma em vez de se adaptar a ele. Até onde sua loucura, ou sua capacidade, vai levá-la? Há muita pouca diferença entre os dois, Dan. E o que nos resta agora a não ser assistir?

— Assistir? Como? Onde ela está?

— A menos que eu esteja muito enganado, assisti-la será fácil uma vez que ela comece a conquistar. Onde quer que ela esteja, acredito que nós e o resto do mundo saberemos em breve.

Mas as semanas passaram sem sinal de Kyra Zelas. Scott e Bach voltaram a seus deveres no Grand Mercy e, em seu laboratório, o bioquímico desfez-se sombriamente dos restos mortais de três porquinhos-da-índia, um gato e um cachorro, cuja matança havia



sido uma tarefa exaustiva e nauseabunda. No crematório, também foi colocado um tubo de soro transparente.

Então, um dia, o anunciador o chamou ao escritório de Bach, onde este encontrou o velho curvado sobre um exemplar do jornal *Post Record*.

— Veja! — disse o velho, indicando uma coluna de fofoca política chamada “Reviravoltas de Washington”.

Scott a leu: “E a surpresa da noite foi o solteirão inveterado do gabinete, o honrável John Callan, que exibiu ninguém menos que a maravilhosa Kyra Zelas, a dama que usa uma peruca escura durante o dia e uma branca à noite. Alguns de nós lembramos dela como a absolvida de um julgamento de assassinato.”

Scott ergueu os olhos. — Callan, hein? Ninguém menos que o Secretário do Tesouro! Pelo visto ela falava sério sobre o poder.

— Mas ela vai parar por aí? — refletiu Bach com pesar. — Tenho a sensação de que ela está apenas começando.

— Bem, até onde uma mulher pode ir?

O velho olhou para ele. — Uma mulher? Ela é Kyra Zelas, Dan. Não estabeleça seus limites ainda. Voltaremos a ouvir sobre ela.

Bach estava certo. O nome de Kyra começou a aparecer com frequência, primeiro nas conexões sociais, depois com referências veladas às intrigas e influências secretas, desse modo:

“A quem os membros da imprensa se referem como a décima membra do gabinete?” Ou depois: “Por que não uma secretária de relações pessoais? Ela tem a influência; dê-lhe o título.” E ainda mais tarde: “É preciso voltar ao Egito, para outra instância de um país cujo tesouro era administrado por uma mulher. E Cleópatra acabou com ele.”

Com um pouco de pesar, Scott sorriu para si mesmo ao

perceber que as alfinetadas estavam se tornando mais indiretas, como se a própria imprensa estivesse começando a ficar cautelosa. Era um sinal de aumento de poder, pois em nenhum lugar as pessoas são tão sensíveis a essas tendências como entre os correspondentes de Washington. A aparição de Kyra nos materiais impressos começou a ser mais amplamente restrita a assuntos puramente sociais, e geralmente em conexão com John Callan, o homem solteiro de 45 anos, Secretário do Tesouro.

Acordado ou dormindo, Scott nunca a esquecia, pois havia algo místico a respeito dela, fosse ela louca ou gênio, uma aberração ou uma supermulher. O que ele se esqueceu foi de uma mulher magra, com traços enfadonhos e cabelo preto oleoso, que estivera deitada sobre um catre na enfermaria de isolamento e tossia sangue.

Não foi surpresa para Scott ou para o dr. Bach retornar uma noite à residência deste último para uma conversa de algumas horas e encontrar ali, sentada tão à vontade como se nunca tivesse saído, Kyra Zelas. Em seu exterior, ela mudara muito pouco; Scott olhou mais uma vez com fascínio para o cabelo incrível e olhos prateados grandes e inocentes. Ela estava fumando um cigarro; exalou uma longa nuvem de fumaça azul e sorriu para Dan.

Dan se enrijeceu. — Gentil da sua parte nos honrar com sua presença — disse ele rispidamente. — Qual é o motivo desta visita? Ficou sem dinheiro?

— Dinheiro? Claro que não. Como eu poderia ficar sem dinheiro?

— Não poderia, contanto que reabasteça seus fundos da maneira que fez quando partiu.

— Ah, aquilo! — disse ela com desdém. Ela abriu sua bolsa de mão, indicando um maço verde de notas. — Vou devolver, Dan.

Quanto foi?

— Vá para o inferno com esse dinheiro! — esbravejou. — O que me magoa é a maneira como você mentiu. Olhando nos meus olhos, tão inocente quanto um bebê, e mentindo o tempo todo!

— Eu menti? — perguntou. — Não vou mentir de novo para você, Dan. Prometo.

— Eu não acredito em você — disse ele amargamente. — Digam-nos o que está fazendo aqui.

— Eu queria te ver. Não esqueci do que eu disse a você, Dan. — Com essas palavras, ela pareceu ficar mais bonita do que nunca, mas também dolorosamente melancólica desta vez.

— Por acaso — perguntou Bach de repente — você abandonou sua ideia de poder?

— Por que eu deveria desejar poder? — respondeu com candura, piscando seus olhos magníficos para ele.

— Mas você disse que... — começou Scott, impaciente.

— Eu disse? — Havia a sombra de um sorriso em seus lábios perfeitos. — Não vou mentir para você, Dan — continuou, ainda com um sorriso. — Se eu quero poder, é meu para tomá-lo... Mais poder do que você pode sonhar.

— Através de John Callan? — grunhiu.

— Ele oferece uma maneira simples — disse ela, impassível. — Suponha que em um ou dois dias ele faça uma declaração, uma extremamente ofensiva, sobre as dívidas de guerra. O governo não poderia se dar ao luxo de repreendê-lo abertamente, porque a maioria dos eleitores acha que seria preciso uma declaração realmente muito insultante para isso. E se fosse tão insultante assim, e garanto que seria, você veria a animosidade da Europa direcionada para o oeste.

“Agora, se a declaração for uma que nenhum governo nacional poderia ignorar e ainda manter sua dignidade aos olhos de seu povo, provocaria uma troca de insultos. E há três nações, você conhece seus nomes tão bem quanto eu, que aguardam apenas esse desvio de interesse. Não percebe?” — Ela franziu o cenho.

— Como vocês dois são estúpidos! — murmurou ela, e então esticou sua figura gloriosa, bocejando. — Eu me pergunto que tipo de imperatriz eu seria. Uma boa, sem dúvida.

Mas Scott estava horrorizado. — Você está dizendo que incitaria Callan a cometer um erro colossal como esse, Kyra?

— Incitá-lo?! — ecoou com desdém. — Eu o forçaria.

— Quer dizer que você fará isso?

— Não foi o que eu disse. — Ela sorriu, bocejou novamente e jogou o cigarro na lareira escura. — Vou ficar aqui um ou dois dias — acrescentou ela agradavelmente, levantando-se. — Boa-noite.

Scott encarou o dr. Bach enquanto ela desaparecia no quarto do velho. — Maldita seja! — praguejou; seus lábios brancos. — Se ela estivesse falando sério...

— Pode acreditar que está! — disse Bach.

— Imperatriz, hein?! Imperatriz de quê?

— Do mundo, talvez. Não dá para estabelecer limites para a loucura ou capacidade.

— Temos de impedi-la!

— Como? Não podemos mantê-la trancada aqui. Para começar, ela sem dúvida desenvolveu força suficiente em seus pulsos para quebrar as fechaduras das portas, e se não desenvolveu, tudo o que precisa fazer é gritar, pedindo ajuda, por uma janela.

— Podemos diagnosticá-la como insana! — vociferou Scott. — Nós podemos trancá-la onde ela não possa escapar ou pedir ajuda.

— Sim, poderíamos, se pudéssemos interná-la pela Comissão da Sanidade. E se a pegássemos antes deles, que chance você acha que teríamos?

— Tudo bem, então — disse Scott, sério —, vamos ter de encontrar a fraqueza dela. Sua adaptabilidade não pode ser infinita. Ela é imune à drogas e à feridas, mas não pode estar acima das leis fundamentais da biologia. O que temos de fazer é encontrar a lei de que precisamos.

— Procure você — disse Bach, melancólico.

— Mas temos de fazer alguma coisa. Pelo menos podemos avisar às pessoas... — ele se interrompeu, percebendo o absurdo da ideia.

— Avisar às pessoas?! — zombou Bach. — Contra o quê? Nós quem iríamos perante à Comissão da Sanidade se fizéssemos isso. Callan nos ignoraria e Kyra riria, com sua risadinha de desprezo, e ponto final.

Scott encolheu os ombros, impotente. — Vou ficar aqui esta noite — disse ele. — Pelo menos podemos falar de novo com ela amanhã.

— Se ela ainda estiver aqui — observou Bach ironicamente.

Mas ela estava. Kyra apareceu enquanto Scott lia o jornal da manhã, sozinho na biblioteca, e sentou-se em silêncio diante dele, vestida com um pijama de seda preto — contra o qual sua pele de alabastro e seu cabelo incrível brilhavam em um contraste surpreendente. Ele observou a pele e o cabelo ficarem levemente dourados enquanto o sol da manhã iluminava a sala. Por algum motivo o irritou que ela fosse tão bonita e ao mesmo tempo mortal, com uma letalidade inumana.

Foi ele quem começou a falar, perversamente: — Você não

cometeu nenhum assassinato desde nosso último encontro, espero

Ela foi indiferente. — Por que deveria? Não foi necessário.

— Você sabe, Kyra — disse calmo —, que deveriam te matar.

— Mas você não fará isso, Dan. Você me ama.

Ele não disse nada. O fato era óbvio demais para negar.

— Dan — disse ela suavemente —, se você apenas tivesse minha coragem, não haveria altura que não poderíamos alcançar juntos. Se você tivesse coragem de tentar. Foi por isso que voltei aqui, mas... — Ela encolheu os ombros. — Volto amanhã para Washington.

Mais tarde, Scott ficou sozinho com Bach. — Ela vai amanhã! — disse Scott, tenso. — Tudo o que pudermos fazer tem de ser feito esta noite.

O velho gesticulou, desamparado, dizendo: — O que podemos fazer? Consegue pensar em alguma lei que limite a adaptabilidade?

— Não, mas... — Ele parou de repente. — Pelos céus! — exclamou. — Eu posso! Já sei!

— O quê?

— A lei! Uma lei biológica fundamental que deve ser a fraqueza de Kyra!

— Mas o quê?

— Nenhum organismo pode viver em seus próprios resíduos! Seus próprios resíduos são veneno para qualquer ser vivo!

— Mas...

— Escute. O dióxido de carbono é um resíduo humano. Kyra não consegue se adaptar a uma atmosfera de dióxido de carbono!

Bach arregalou os olhos. — Deus! — exclamou. — Mas, mesmo se estiver certo, como...

— Espere um minuto. Você pode conseguir alguns cilindros de

gás carbônico no Grand Mercy. Consegue pensar em alguma maneira de colocar o gás no quarto dela?

— Bem, esta é uma casa velha. Há um buraco entre o quarto dela e o que estou usando, por onde passa a conexão do radiador. Não é apertado, poderíamos passar um tubo de borracha pelo cano.

— Bom!

— Mas as janelas! Ela deixará as janelas abertas.

— Não se preocupe com isso — disse Scott. — Só as deixe bem lubrificadas para que se fechem facilmente.

— Mas, mesmo que funcione, de que adianta... Dan! Você pretende matá-la?

Ele balançou a cabeça. — Eu... não poderia — sussurrou. — Mas uma vez que ela esteja indefesa, se for possível que seja suprimida, você pode operar. Aquela operação na pineal que sugeriu antes. E que os céus me perdoem.

Scott sofreu a tortura dos condenados naquela noite. Kyra estava, se possível, mais adorável do que nunca, e pela primeira vez ela parecia se esforçar para ser charmosa. Sua conversa era brilhante; ela brilhava, e diversas vezes Scott sentia-se tão fascinado que uma dor insuportável o atingia ao pensar na traição que planejava. Parecia quase uma blasfêmia ser violento contra alguém cuja aparência era tão pura, tão inocente, tão santa.

“Mas ela não é exatamente humana!”, disse ele a si mesmo. “Ela não é um anjo, mas sim um demônio feminino, um... Como eram chamadas?... Um súcubo!”

Apesar de tudo, quando finalmente Kyra bocejou e colocou seus pés delicados no chão, para partir, ele implorou por mais alguns momentos.

— Mas está cedo — disse ele —, e amanhã você vai embora.

— Eu voltarei, Dan. Este não é o fim para nós.

— Espero que não — murmurou miseravelmente, observando a porta do quarto dela fechar-se com um clique.

Ele olhou para Bach. Após um momento de silêncio, o homem mais velho sussurrou: — É provável que ela durma quase de imediato. Esta também é uma questão de adaptabilidade.

Em um silêncio tenso, eles observaram a fina linha de luz abaixo da porta fechada. Scott estremeceu quando, após um breve intervalo, a sombra de Kyra a cruzou e desapareceu com um leve clique.

— Está na hora — disse sério. — Vamos pôr um fim nisso.

Dan seguiu Bach até a sala adjacente. Ali estavam os cilindros cinzas, frios e metálicos, de gás comprimido. Ele observou enquanto o velho prendia um pedaço de tubo, passava-o até a abertura ao redor do cano de vapor e começava a preencher o espaço restante com algodão úmido.

Scott voltou-se para sua própria função. Entrou silenciosamente na biblioteca. Com muita discrição, tentou abrir a porta do quarto de Kyra; estava destrancada, como ele sabia que estaria, pois a mulher estava extremamente confiante em sua invulnerabilidade.

Por um longo momento, Dan olhou para a massa de cabelos prateados radiantes no travesseiro, e então, com bastante cautela, colocou uma pequena vela sobre a cadeira perto da janela — de modo que ficasse mais ou menos ao nível da cama —, acendeu-a com um estalo do isqueiro, retirou a chave da porta e partiu.

Em seguida, trancou a porta por fora e começou a encher a fresta com algodão. Estava longe de ser hermético, mas isso pouco importava, ele pensou, já que era preciso permitir o escape da atmosfera substituída.



Ele voltou à sala de Bach. — Dê-me um minuto — sussurrou —, e depois ligue.

Dan foi até uma janela. Do lado de fora havia uma saliência de pedra de meio metro; ele rastejou até esse poleiro precário. Ficou visível da rua abaixo, mas não muito perceptível, pois estava diretamente acima de uma área entre a casa de Bach e a do vizinho. Ele orou com fervor para que não o notassem.

Esgueirou-se ao longo do peitoril. As duas janelas do quarto de Kyra eram largas, porém Bach havia feito sua parte. Elas deslizaram para baixo, sem um rangido, e Dan se aproximou do vidro para espiar.

Do outro lado do quarto brilhava a chama fraca e constante da pequena vela. Bem ao lado dela, a um curto braço de comprimento e sem que nenhum vidro intervisse, estava Kyra, bem visível ao crepúsculo. Estava deitada de costas, com um braço jogado em cima de seu cabelo inacreditável, e havia puxado apenas um único lençol sobre si. Ele podia observar a respiração dela — quieta, calma e pacífica.

Pareceu que muito tempo se passou. No fim, Dan imaginou poder ouvir o sibilar suave do gás vindo da janela de Bach, mas sabia que deveria ser apenas imaginação. Na câmara que ele observava não havia sinal de algo incomum; a gloriosa Kyra dormia como fazia todo o resto — com facilidade, silêncio e confiança.

De repente, houve um sinal. A pequena chama da vela, queimando continuamente sem correntes de ar, bruxuleou. Ele a observou, certo de que a cor dela estava mudando. A chama tremeluziu mais uma vez, brilhou por um momento e, depois, morreu. Uma faísca vermelha brilhou no pavio por um instante e sumiu em seguida.

A chama da vela se apagou. Isso significava uma concentração de oito ou dez por cento de dióxido de carbono na temperatura da sala — alta demais para suportar a vida normal. Mesmo assim, Kyra vivia. A única diferença era que sua respiração tranquila parecia ter se aprofundado, mas ela não parecia incomodada; havia se adaptado à diminuição do suprimento de oxigênio.

Mas deveria haver limites para as capacidades dela. Dan piscou na escuridão. Certamente... certamente a respiração da mulher estava se acelerando. O peito dela subia e descia em arfadas convulsivas; esse fato foi registrado em algum lugar da mente turbulenta do cientista.

— Respiração de Cheyne-Stokes — murmurou. Em algum momento, a violência daquilo a acordaria.

E foi o que aconteceu. De súbito, os olhos prateados começaram a se abrir. Kyra passou a mão pela boca e apertou a garganta. Ciente do perigo imediato, ela sentou e suas pernas nuas brilharam enquanto ela se levantou da cama. Mas devia estar atordoada, pois se voltou primeiro para a porta.

Dan percebeu a instabilidade nos movimentos da mulher. Esta girou a maçaneta, puxou-a freneticamente e voltou-se em direção à janela. Ele podia vê-la balançando enquanto cambaleava através ar contaminado, porém ela o alcançou. O rosto dela estava perto do dele, mas ele duvidava que ela o visse, pois seus olhos estavam arregalados e assustados e sua boca e garganta lutavam violentamente para respirar. Ela ergueu a mão para quebrar a vidraça; acertou o golpe, mas de tão fraco a janela só balançou e não se estilhaçou.

Mais uma vez, o braço de Kyra se ergueu, mas o golpe nunca foi desferido. Por um momento ela ficou parada, em um balanço

lento. Enfim, seus olhos magníficos se enevoaram e se fecharam; ela caiu de joelhos e, no fim, caiu ao chão.

Scott aguardou um longo e torturante momento, então abriu a janela. A lufada de ar sem vida o fez girar vertiginosamente em seu poleiro perigoso, e ele se agarrou ao peitoril. Uma brisa lenta moveu-se entre os prédios, e a cabeça de Dan clareou.

Ele entrou com cautela na câmara. Era sufocante, mas ele conseguia respirar perto da janela. Dan chutou três vezes a parede de Bach.

O chiado do gás cessou. Ele pegou Kyra em seus braços, esperou até ouvir a chave girar e então correu pelo quarto, em direção à biblioteca.

Bach olhou fascinado para as feições puras da mulher. — Uma deusa vencida — disse ele. — Há algo de pecaminoso em nossa parte.

— Seja rápido! — retrucou Scott. — Ela está inconsciente, não anestesiada. Só Deus sabe o quão rápido ela vai se reajustar.

Mas ela ainda não havia se recuperado quando Scott a colocou sobre a mesa de operação do escritório de Bach e prendeu as alças nos braços, corpo e pernas nuas da mulher. Ele a fitou, o rosto branco e os cabelos brilhantes, e sentiu seu coração contrair-se de dor ao vê-los escurecer tão lindamente sob a brilhante luz operacional, rica em raios actínicos.

— Você estava certa — sussurrou Dan para a mulher que não ouvia. — Se eu tivesse sua coragem, não haveria nada que não teríamos alcançado juntos.

Bach perguntou de súbito: — Nasal? — Ou devo trefiná-la?

— Nasal.

— Mas eu gostaria de ter a chance de observar a glândula

pineal. Este é um caso único e...

— Nasal! — vociferou Scott. — Não vou deixá-la marcada!

Bach suspirou e começou. Scott, apesar de sua longa experiência no hospital, descobriu-se incapaz de assistir à operação; passou ao velho seus instrumentos quando necessário, contudo manteve os olhos longe do rosto passivo e adorável da mulher.

— Pronto! — disse Bach, por fim. — Está feito. — Pela primeira vez, ele mesmo teve um momento de descanso para examinar as feições de Kyra.

Bach estremeceu. O cabelo requintado de alumínio desapareceu, substituído por mechas pegajosas, escuras e oleosas da mulher no hospital! Ele abriu os olhos dela; não mais prateados, mas de um azul pálido. De toda a sua beleza, restava... o quê? Um traço, talvez; um traço da pureza de santa no rosto pálido e na modelagem das feições. Mas uma chama morreu; ela não era mais uma deusa, e sim uma mortal — um ser humano. A supermulher não passava de uma mulher sofrida.

Uma exclamação quase explodiu dos lábios de Bach quando a voz de Scott o deteve.

— Ela é linda! — sussurrou. Bach o fitou. Ele percebeu, de repente, que Scott não a estava vendo como ela era, mas como havia sido antes. Para seus olhos, coloridos pelo amor, ela ainda era Kyra, a magnífica.

**FIM**







